

Empreendedorismo como Manifestação da Dimensão da Transcendência ou Ação da *Vita Activa* no Ser Humano: Um Modelo Antropológico¹

Illyushin Zaak Saraiva

Resumo – Os estudos sobre o empreendedorismo e sobre o comportamento empreendedor avançaram de forma acelerada a partir dos anos 1970 nas ciências humanas e sociais, especialmente em campos como a economia e a psicologia social, através do estímulo representado pela reestruturação produtiva e pela desregulamentação das relações de trabalho típicas do capitalismo neoliberal consolidado a partir dos anos 1970 e 1980. Este estudo preliminar, no campo da antropologia filosófica, propõe um modelo simplificado do ser humano genuinamente empreendedor, em termos de sua capacidade de aprendizagem e criatividade, que pode então ser usado para uma análise da influência das condições objetivas de ordem econômica, social e cultural, sobre a motivação seres humanos que intentam empreender e, portanto, podem influenciar o seu desempenho como empreendedor. O método aqui utilizado é eminentemente o da revisão bibliográfica sobre proposições sobre o ser humano típicas do século XX, realizada a partir das obras de Scheler (1927), Frankl (1946) e Arendt (1958), a partir da qual se tenta compor um modelo simplificado do empreendedor como ser humano calcado na realidade e em busca de transformá-la, a partir da criação inovadora de soluções materiais e culturais para os diversos problemas da vida social. Uma conclusão preliminar é estabelecida sobre a validade do modelo, a partir da qual se pretende construir uma investigação maior e mais complexa sobre a influência das condições socioeconômicas e culturais na motivação a empreender.

Palavras-Chave: Antropologia Filosófica; *Vita Activa*. Dimensão Noológica; Empreendedorismo.

¹ Este artigo é baseado em capítulos da Tese do autor junto ao Doutorado em Psicologia Social da UK.

1. Introdução

A chamada ‘Sociedade do Conhecimento’ – eufemismo que mascara níveis inéditos de acumulação na Economia Capitalista, e marcado por um intenso processo de desregulamentação de direitos e precarização das condições de trabalho a partir das décadas de 1970 e 1980 – trouxe, em simultâneo à sua ascensão, inúmeras novas formas de reprodução e intensificação da exploração do trabalho, notadamente o estímulo ao Empreendedorismo como panaceia universal para a erradicação da pobreza, através do pressuposto de que a criação de micro e pequenas empresas por parte dos trabalhadores desempregados seria uma ‘Fórmula Ideal’ para geração de renda e emprego nas mais diversas sociedades, aproveitando ao máximo o potencial de trabalho, inovação e criatividade do ser humano, agora não mais ‘recebedor de salário’, mas sim ‘criador de empresas’.

Estas afirmativas se traduziram na prática em um mar de empresas criadas ‘por necessidade’, muitas das quais fecham as portas antes de completar 1 ano de criação (SEBRAE, 2014), além de fenômenos como a ‘Pejotização’ e ‘Uberização’ em larga escala (ANTUNES, 2011; 2020).

Em paralelo, a reestruturação produtiva do Capital no pós-1970 também se manifesta em discursos e práticas relacionados à busca de novas formas empresariais que acomodem a procura de maior eficiência produtiva, baseadas em padrões de empreendedorismo inspirados no ‘Modelo do Vale do Silício’, padrões que basicamente podem ser entendidos como a atuação conjunta de Universidades, Governos, e espaços construídos exclusivamente para criação de microempresas de alta tecnologia, os ‘Ambientes de Inovação’, como Incubadoras, Aceleradoras e Parques Tecnológicos, servindo ao propósito de estimular que novos produtos, processos e serviços gerados em projetos de pesquisa científica venham a ser produzidos e comercializados pelos próprios inventores, através da criação das chamadas ‘Empresas de Base Tecnológica’ ou *Startups*, por esses inventores, na maioria das vezes professores universitários e alunos de graduação e pós (MUNROE; WESTWIND, 2008).

É, portanto, natural que em tal contexto diversas correntes acadêmicas tenham se aprofundado na tentativa de encontrar teorias e modelos explicativos para os fenômenos citados, em áreas da própria Economia como Economia dos Recursos Humanos, ou Bem Estar Social, além de campos como a Sociologia das Relações de Trabalho, o Direito, a Psicologia Social ou ainda a Psicologia do Trabalho e Organizacional, entre outras, todas incumbidas da complexa missão de compreender e analisar os impactos do neoliberalismo nas relações trabalhistas (DARDOT; LAVAL, 2016).

Este trabalho, parte integrante de um macroprojeto voltado a compreender o fenômeno do Empreendedorismo de Base Universitária ou ‘Empreendedorismo Universitário’ que no Brasil ocorre majoritariamente nos Ambientes de Inovação, tem como temática o resgate do ato de

empreender à sua condição mais permanente e desligada de contextos socioculturais ou econômicos específicos, ou seja, o resgate da ação empreendedora como fruto da capacidade humana de inovar, característica ligada em sua origem às capacidades inventivas que permitiram aos humanos criar novas soluções para os mais diversos tipos de problemas que enfrentaram desde o início de sua história: desde novas ferramentas que facilitaram o processo de arar o solo ou novas armas com as quais caçar animais e defender suas famílias, há muitos milhares de anos, passando pela criação de novos calendários e ciclos de tempo com os quais regular o plantio de grãos, ou mesmo novas formas de conservação de carne para que fosse consumida por um período de tempo mais longo, até chegar às novas formas de transporte de materiais e pessoas por longas distâncias, aos sistemas de câmbio monetário ou telecomunicações, entre muitos outros avanços típicos da atualidade (ZAAK SARAIVA, 2023), apesar do prevalente pensamento de que a inovação estaria presente apenas em bens ou serviços compostos ou obtidos de tecnologias de ponta (GROSSO, 2022).

E embora já a partir da obra de Schumpeter (1911[1997]; 1965) o tema da inovação tenha passado a ser amplamente debatido e analisado em nível científico nas escolas de economia, negócios e administração, inclusive atribuindo papel especial ao chamado ‘empresário inovador’ na evolução da economia capitalista, o mais importante é constatar que a atual onda de investigações acerca do comportamento empreendedor só surgiu justamente a partir do final da década de 1970, entrando pela década de 1980, coincidindo com a reestruturação do Capital (DAVIDSSON, 1995).

Entende-se aqui que, dentro do incessante processo social e econômico de geração de milhões de novos negócios e novos empreendimentos que ocorre diariamente nas mais diversas culturas ao redor do globo, a ‘tarefa de inovar’ do empreendedorismo precisa ser melhor compreendida, para além dos vieses das ciências sociais, também sob uma perspectiva filosófica, e devidamente caracterizada segundo as proposições clássicas da antropologia filosófica

O artigo, busca assim conciliar as diferentes e, por vezes, complementares visões de importantes autores da Antropologia Filosófica, realizando uma discussão conceitual sobre proposições clássicas do Ser Humano, especificamente no que se refere à sua capacidade de aprendizagem, criatividade e inovação, e à sua inserção na sociedade moderna. A discussão aqui apresentada parte do pressuposto fundamental de que a inovação é, em última análise, uma ação deliberada do próprio empreendedor que, ao visualizar uma necessidade específica na sociedade, ou melhor, ao visualizar no mercado uma oportunidade para o lançamento de um novo produto, participa como agente ativo do processo de criação e modelagem de ideias de negócio visando à oferta de sua invenção.

Seu objetivo principal é propor um modelo antropológico do Ser Humano empreendedor, destacando em suas dimensões e estratificação, a presença da inovação e da criatividade. O texto

está dividido em 05 seções, sendo essa Introdução, seguida da Discussão Teórica, do Modelo de Ser Humano Empreendedor, das Considerações Finais e, finalmente, das Referências.

2. Discussão Teórica

Esta seção inicial analisa algumas fontes clássicas da antropologia filosófica sobre o conceito de Ser Humano e, ao final, propõe um modelo de ser humano, especialmente no que se refere à sua capacidade inata de criatividade e inovação, fundamentais ao empreendedorismo.

O principal esforço empreendido nesta seção, é uma revisão com foco em proposições sobre o Ser Humano típicas do século XX, com destaque para as obras de Scheler (1927[2003]), Frankl (1946[2017]) e Arendt (1958[2007])², a partir das quais construir-se-á na seção seguinte um ‘modelo antropológico do Ser Humano empreendedor’, de interesse para a investigação mais complexa sobre a motivação para empreender.

Trechos da tese de doutorado que deu origem ao presente artigo foram originalmente inspirados em um artigo publicado pelo autor em 2019, como resultado de estudos no âmbito de disciplinas iniciais do doutorado, cujo objeto de análise principal era distinto do empreendedorismo: a motivação e desempenho estudantis (ZAAK SARAIVA, 2019). Permanece, contudo, a necessidade de se estabelecer um modelo de Ser Humano em bases filosóficas, nesse caso, relacionando o modelo às características relacionadas ao fenômeno empreendedor, como criatividade e inovação.

Como eixo estruturante da análise, assume-se de antemão que a atribuição social da tarefa de empreender pode ser categorizada dentro da chamada Ação da modernidade, que Arendt (2007) postula como a ação propriamente política, a mais nobre entre as três categorias da atividade humana em sua conformação de *Vita Activa*, pois segundo aquela autora, a Ação é a única atividade humana que coloca os homens em contato entre si de forma plural, e que nasce da capacidade humana de inovar, ou seja, de utilizar a dimensão do espírito, proposição que caminha próxima ao conceito de Dimensão Espiritual de Scheler (2003), aquela, dentro das dimensões do ser humano, da qual se extrai a possibilidade de mudança de atitudes, de arrependimento, de conversão, ou de aprendizagem, e também se ajusta assertivamente com a proposta da Dimensão Espiritual ou Noológica de Frankl (2017), justamente aquela que, para este último, constitui o homem integral, a dimensão da lucidez e da autoconsciência que pode confrontar todos os condicionamentos, e que dá ao homem o poder de escolher seu próprio caminho nas piores circunstâncias.

² As datas de publicação originais das obras dos três autores principais são aqui citadas a fim de manter-se uma cronologia adequada. A partir deste ponto, as citações referem-se às edições de 2007 da Forense Universitária para Arendt, à edição de 2003 da Forense Universitária para Scheler e à edição de 2017 da Vozes para Frankl.

2.1. Sistematização Inicial das Características do Ser Humano para Arendt, Scheler e Frankl

Em relação ao ato de empreender – isto é, basicamente o ato criativo e inovador que se materializa quando (1) uma necessidade não atendida na sociedade é identificada pelo empreendedor, ou uma oportunidade é encontrada por ele para introduzir um novo produto que atenda a essas necessidades; (2) a decisão de comercializar a nova invenção para outra empresa, ou de produzir tal produto por conta própria (o produto que pode ser um bem material, um serviço ou uma nova maneira de realizar atividades tradicionais) é tomada pelo empreendedor; e (3) a implementação efetiva da própria ideia pelo o empreendedor, ou o início de sua implementação – uma análise inicial sobre a relação do ato de empreender a modelos clássicos de Ser Humano da Antropologia Filosófica mostra que tal ato se configura com razoável clareza dentro das categorias (a) da Ação dentro da *Victoria Activa* de Arendt, (b) da Dimensão Espiritual de Scheler, e (c) da Dimensão Noológica de Frankl, como se demonstrará em seguida e nas próximas subseções.

Isso porque a proposição de Arendt para a Ação também se aproxima essencialmente do conceito da Dimensão Espiritual de Scheler, como aquela a partir da qual existe a possibilidade de mudança de atitudes, arrependimento, conversão ou aprendizado e, de fato, a proposição de Arendt para a Ação também encontra bastante similaridade com a chamada dimensão Noológica de Frankl, expressão da espiritualidade inata que distingue os humanos dos animais, como se poderá observar a seguir na Sistematização aqui apresentada.

Como este trabalho integra um macroprojeto que busca analisar, sobretudo, o ato de empreender sob uma perspectiva psicossocial, nesta análise entende-se que são justificáveis todos os esforços teóricos na direção de compreender as características antropológicas relacionadas a esse ato.

Portanto, o Quadro 1 apresenta uma sistematização genérica das dimensões constituintes do ser humano com base nas proposições dos três autores citados.

Quadro 1 - Correspondência entre elementos de modelos antropológicos do Ser Humano.

Categorias de Atividade Humana (Arendt, 1958)		Dimensões Exercidas pelo Ser Humano (Scheler, 1927)		Dimensões Construtivas do Ser Humano (Frankl, 1946)	
Labor		Impulso Afetivo	<ul style="list-style-type: none">• Primeira manifestação do surgimento da individuação, da constituição de um ser psíquico íntimo;• Observado também em plantas;• O ser íntimo compõe um ser individual separado do meio ambiente;• Como um movimento de dentro para fora;• Um impulso para o crescimento e a reprodução (impulso ekstático).	Corpo	<ul style="list-style-type: none">• Dimensão biológica do Homem;• Constitui os fenômenos somáticos do organismo humano;• Corpo com finalidades intersubjetivas;• Não é mero objeto;• O somático transcende o meramente material.
	<ul style="list-style-type: none">• A mais simples das três categorias de atividade humana;• Corresponde aos processos biológicos e às necessidades vitais;• Crescimento, metabolismo e decadência do corpo, alimentados pelo Labor;• A condição do Labor é a própria vida humana.	Instinto Animal	<ul style="list-style-type: none">• É claramente definido com base nas expressões de estados internos observáveis externamente;• Movimentos e respostas às mudanças ambientais.		
		Memória Associativa	<ul style="list-style-type: none">• Na maioria dos animais, está relacionada ao desenvolvimento de um centro de resposta dotado da capacidade de interagir com elementos do meio externo;• Especialmente interagir com fatores mais intimamente relacionados ao indivíduo e suas ações.• Capacidade de associar suas atitudes a eventos externos, com base em experiências adquiridas com ações bem-sucedidas, além dos reflexos condicionados de Pavlov.• Atos aprendidos cujo significado não era necessariamente condicionado pelo instinto.	Psiquismo	<ul style="list-style-type: none">• Esfera das sensações, impulsos e desejo;• Consciência cognitiva, à qual se associam talentos intelectuais e padrões de comportamento;• É o próprio domínio ao qual a Psicologia traça sua história;• É o polo mediador dos extremos: corpo e espírito;• Confere ao ser humano o primeiro grau de interioridade;• Por meio dele, o mundo extemo é reconstituído em uma interioridade que se dá na intersecção Ser X Estar;• O homem 'é' seu psiquismo..
		Inteligência Prática	<ul style="list-style-type: none">• Não depende de tentativas ou ações anteriores bem-sucedidas das quais o indivíduo se lembrará.• Como o lêmure que vê um graveto no chão e o usa para capturar formigas em um formigueiro, sem nunca ter feito isso antes.		
Obra (trabalho)	<ul style="list-style-type: none">• Mundo 'não natural' em que se dá a existência humana;• Um mundo não imerso no ciclo vital constante da espécie;• Um mundo 'artificial' de coisas feitas pelo homem;• Coisas claramente distintas das coisas naturais.				
Ação	<ul style="list-style-type: none">• A mais nobre categoria da atividade humana;• Ação propriamente política, separada e independente da natureza e da produção material;• Põe os seres humanos em contato uns com os outros de forma plural;• Surge da capacidade humana de inovar, de usar a dimensão do espírito para criar e aprender.• Manifesta-se na pluralidade de indivíduos, cada ser humano totalmente distinto dos demais, com essências ou naturezas próprias e distintas.	Espírito	<ul style="list-style-type: none">• Exclusividade do Ser Humano;• Separação máxima do indivíduo em relação ao meio externo.• Está fora das relações e elementos da vida material e de suas demandas vitais.• Permite ao Ser Humano a autoconsciência e a capacidade de se perceber no meio material que o cerca.• Faz do Ser Humano o centro indeterminado de determinação, a partir do qual existe a possibilidade de mudança, arrependimento, conversão ou aprendizado.	Espírito	<ul style="list-style-type: none">• O que constitui o ser humano integral;• <i>Locus</i> ontológico da consciência moral;• Domínio ontológico da liberdade e da responsabilidade;• Dimensão de lucidez e autoconsciência que pode confrontar todos os condicionamentos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Zaak Saraiva (2019)

O Quadro 1 é bastante ilustrativo de como, dentro das três distintas perspectivas antropológicas propostas por Arendt, Scheler e Frankl, as dimensões ou atividades humanas abrangem desde as mais estritamente físicas ou corpóreas até as mais sofisticadas, relacionadas à espiritualidade e à capacidade de transcender e inovar diante da realidade, o que será devidamente discutido de forma pormenorizada nas subseções a seguir.

2.2. Hannah Arendt e a Condição Humana

Em ‘A Condição Humana’ (ARENDT, 2007), considerada uma das 10 obras filosóficas mais importantes do Século XX, a autora aparentemente apresenta um mapa ou caminho pelo qual o tempo moderno se consolida e emerge da transformação do tempo antigo³.

No início do livro, a autora destaca um acontecimento que para ela é, sem dúvida, uma das maiores conquistas da humanidade, um acontecimento cuja importância supera todas as outras: o lançamento ao espaço sideral do satélite artificial soviético Sputnik 1, ocorrido em, 1957. A autora chama a atenção às referências jornalísticas e literárias ao lançamento do referido satélite, que contêm uma estranha "mancha", materializada nas afirmações concordantes de que a humanidade está finalmente se "libertando" de seu lar terrestre, como se a relação da humanidade com o planeta Terra fosse entendida ou sentida no presente como uma espécie de prisão. Para Arendt, esse tipo de sentimento demonstra que a humanidade se adapta rapidamente às descobertas da ciência e aos fatos da tecnologia, mas que, na realidade, está décadas à frente dessas conquistas.

Outro acontecimento contemporâneo que para Arendt é tão decisivo quanto o lançamento do satélite Sputnik, ainda mais próximo da humanidade, e não menos ameaçador, é o advento da automação, que, segundo ela, esvaziaria as fábricas em décadas – como de fato está acontecendo hoje – supostamente libertando a humanidade de seu fardo mais antigo e natural, o fardo do trabalho e da submissão à necessidade imposta pelas condições da vida humana.

No entanto, Hannah Arendt demonstra que essa suposta libertação do trabalho imposta pelo progresso científico por meio da automação é apenas uma libertação aparente, pois a era moderna traz consigo a glorificação do trabalho que, diferentemente do passado, resulta na transformação efetiva de toda sociedade em uma sociedade de trabalhadores. Ou seja, a sociedade que se pretende libertar dos grilhões do trabalho por meio da automação seria, na realidade, uma sociedade de trabalhadores, uma sociedade que não conheceria mais nenhuma outra atividade superior e mais

³ É interessante notar, desde o início, que Arendt não se definia como filósofa; adotando, primeiramente, a posição de ‘teórica política’. Nas palavras da própria Hannah Arendt durante a famosa entrevista com Günter Gauss em 28 de outubro de 1964: "*Receio ter que começar protestando, porque não me considero pertencente ao círculo dos filósofos*" (ARENDT, 1964).

importante em cujo benefício a liberdade valha a pena conquistar. Assim, "A Condição Humana" aborda questões profundas relacionadas à própria transição para a modernidade, tais como: Quais elementos dos tempos antigos estão se movendo para os tempos modernos? Quais elementos são superados nessa mudança? Quais são as novas?

Em suma, há uma dimensão fundamental que Hannah Arendt aborda ao explicar o surgimento dos tempos modernos: a mudança da chamada *Vita Contemplativa* da antiguidade para a *Vita Activa* da modernidade, uma mudança que se relaciona com o antigo ideal de contemplação do homem antigo em oposição ao ideal moderno de ação.

Arendt entende *Vita Activa* como atividade humana, categorizada em uma tríplice divisão: (1) labor, (2) obra e (3) ação. Arendt tipifica as três atividades dessa forma porque elas correspondem melhor, em sua compreensão, às condições básicas pelas quais o homem recebe e desfruta a vida no mundo.

Para Arendt, entre os três tipos de atividade humana, o chamado "Labor" é aquele que se relaciona com as necessidades básicas da humanidade. Por essa razão, o Labor torna-se uma atividade vital para a humanidade. Ou melhor, o labor está conectado aos fatores que tornam possível a sobrevivência da humanidade até a morte: o crescimento espontâneo e o metabolismo. O Labor está essencialmente ligado ao corpo e às condições biológicas humanas. A demanda por Labor surge dentro da própria vida, uma vez que a vida exige que as necessidades orgânicas e fisiológicas da humanidade sejam atendidas para que ela permaneça viva.

Segundo Arendt, a 'obra', também chamada "Trabalho", é a atividade que transcende o que é naturalmente dado no mundo e consiste na capacidade da humanidade de mudar a natureza, de construir um mundo artificial, um mundo transcendente ao ambiente natural em que a humanidade emerge. É somente por meio do Trabalho que a humanidade modifica o mundo e o ambiente naturais. Para Arendt, por meio do Trabalho, o homem se torna o arquiteto de um mundo especial, próprio, um mundo separado do mundo da natureza. É por isso que, para ela, a condição humana para o trabalho é o próprio fato de estar no mundo, a chamada "mundanidade".

"Ação", a última das categorias de atividade humana de Arendt, é entendida como ação propriamente política, a mais nobre entre as três categorias por ser a única que, independentemente da natureza e da produção, põe os homens em contato uns com os outros de forma plural, sendo, portanto, superior a uma atividade "meramente social", como observado mais adiante.

2.2.1. Vita Activa e a Época Moderna

No Capítulo VI da obra, cujo título é justamente "*Vita Activa e a Época Moderna*", Arendt apresenta três eventos vitais na formação do período moderno como resultado da transformação do período antigo, como arcabouço da modernidade, que inauguram a nova era: (A) a descoberta da América e o consequente crescimento do mundo conhecido; (B) a Reforma Protestante e a consequente cisão dentro do cristianismo; e (C) a invenção do telescópio, que futuramente viabiliza a expansão da ciência para além dos limites do planeta.

Arendt decompõe os três eventos anteriores e os relaciona aos autores desses feitos: os grandes navegadores, Martinho Lutero e Galileu Galilei. Ela afirma que os três eventos são diferentes daqueles que ocorreram alguns séculos depois, devido ao Iluminismo, principalmente porque os protagonistas ainda faziam parte da tradição do pensamento ocidental da época.

A autora ressalta que os dois primeiros eventos, a saber, a descoberta de um novo e gigantesco continente e a intensa agitação religiosa causada pela Reforma, são, para as pessoas daquela época, eventos espetaculares, especialmente quando comparados ao terceiro, que é apenas uma invenção discreta de um telescópio que permite observar os planetas e as estrelas, e que provavelmente permaneceu desconhecido para a maioria das pessoas da época.

Arendt, no entanto, acredita que o telescópio, embora não tenha gerado o mesmo alarde que a descoberta da América e a Reforma Protestante, constitui para ela o primeiro dispositivo puramente científico criado pelo homem e que, ao longo dos anos, teve grande impacto na modernidade, permitindo a expansão territorial da humanidade para além de uma Terra habitada.

A autora afirma que o aspecto verdadeiramente inovador do telescópio de Galileu não é apenas sua invenção, nem seu uso para fins terrestres, mas a capacidade de usar o telescópio para revelar os segredos do universo até então desconhecidos da cognição humana, com a certeza da percepção sensorial, ou seja, a capacidade de dar à criatura humana – até então aprisionada à Terra – e aos seus sentidos – até então aprisionados ao corpo – uma visão daquilo que parece destinado a permanecer além de seu alcance por toda a eternidade.

Para Arendt, a aplicação do telescópio de Galileu à observação celeste é o evento que inaugura o início do processo que leva ao uso do ponto de Arquimedes na concepção e prática da ciência, o que, para a autora, é decisivo no desenvolvimento da teoria da gravitação de Isaac Newton.

Nesse sentido, para Arendt, o uso de um pequeno instrumento portátil subverte os fundamentos da filosofia tal como concebida desde Platão e Aristóteles até a era moderna. Coloca a dúvida na mesma posição de destaque que o maravilhamento dos gregos. Em outras palavras, para a autora, é o telescópio, e não a razão, que muda a concepção física do mundo. Ou, em outras palavras, o que

leva os homens a novos conhecimentos é a entrada em cena do *homo faber* e sua atividade de fazer e fabricar, e não a contemplação, a observação ou a especulação.

É o telescópio que nos permite descobrir o ponto *arquimadiano* fora da Terra, esse ponto a partir do qual a ciência pode examinar o próprio mundo de fora, bem como o ponto a partir do qual se inicia um processo de alienação do mundo que, segundo Arendt, nunca cessa.

Para Arendt, o planeta Terra torna-se então pequeno e familiar como a palma da mão através de grandes navegações, a uma velocidade tal que as distâncias se tornam irrelevantes, e que, através dos meios de transporte modernos, traz ao homem um conhecimento quase perfeito da geografia, trazendo consigo a compreensão do homem como pertencente ao território.

Arendt afirma ainda que, a partir do telescópio de Galileu, a ciência adquire um caráter universal que nunca antes existira no pensamento ocidental, a ponto de a perspectiva de todos os processos, mesmo os terrestres, estar agora localizada no cosmos e não mais na Terra. O telescópio, por um tempo, rompe com a antiga dicotomia Céu-Terra que persiste no pensamento ocidental há milênios: a Terra passa a estar integrada ao cosmos, uma pequena parte do universo.

A autora afirma que a história moderna revela um ser humano diferente, que se volta para dentro, inaugurando a alienação como forma de se relacionar com o mundo: a alienação do ser humano que se volta para dentro e se distancia do exterior, dos sentidos.

À luz dos destaques do Capítulo VI, apresenta-se um resumo do pensamento de Arendt sobre os efeitos da ciência a partir de uma perspectiva *arquimadiana*: quando a autora afirma que tal ponto de vista levaria "séculos e gerações" para desenvolver todo o seu potencial, sendo necessários quase duzentos anos para começar a mudar o mundo e estabelecer novas condições para a vida humana.

Por outro lado, Arendt lembra que são necessárias apenas algumas décadas, ou apenas uma geração, para que a mente humana chegue a certas conclusões baseadas nas descobertas de Galileu e nos métodos e pressupostos que as tornam possíveis, conclusões capazes de mudar o mundo e a história.

Para ela, em questão de anos ou décadas a mente humana muda tão radicalmente quanto o mundo muda em questão de séculos, e embora a mudança radical esteja restrita aos membros da 'mais estranha de todas as sociedades' dos tempos modernos – o círculo dos cientistas e o mundo das letras – que segundo Arendt é a única sociedade que sobrevive a todas as mudanças de convicção sem passar por uma revolução e sem nunca esquecer o princípio do 'respeito ao homem cujas ideias não compartilhamos', essa sociedade é capaz de provocar, pela mera força do treinamento e do controle da imaginação, a mudança radical de humor que afeta todos os homens modernos.

Por fim, outra mudança provocada pelo telescópio, segundo Arendt, é a constatação de um duplo processo de alienação. Primeiro, ele confirma a alienação da ciência da Terra para o cosmos, mas principalmente porque todo esse refinamento do conhecimento geográfico e astronômico, segundo a autora, resulta imediatamente em uma sensação de alienação da humanidade em relação ao planeta: ela nos separa do nosso ambiente terrestre; a humanidade tem um preço a pagar, e então ocorre o que Arendt entende como alienação da humanidade em relação ao seu mundo.

Outro aspecto da mudança provocada pelo telescópio de Galileu é o que Arendt chama de "perda da capacidade de pensar em termos universais e absolutos", uma situação verdadeiramente original no pensamento ocidental, segundo a autora.

Por outro lado, para Arendt, se os eventos que ocorrem na Terra se tornam relativos, a ponto de a relação da Terra com o universo se tornar o ponto de referência para qualquer medição, os homens passam a poder fazer as coisas de um ponto de vista universal e absoluto, algo que nunca é concebido como possível pelos filósofos, mas por outro lado os homens perdem a capacidade de pensar em termos universais e absolutos, desta forma realizam e ao mesmo tempo frustram os ideais da filosofia tradicional.

Segundo Hannah Arendt, essa alienação é melhor compreendida como uma espécie de estranhamento, significado que se origina da palavra alemã *Enfremdung*, que transmite a ideia de algo separado ou estranho a outra coisa, como "*o rompimento de mim mesmo a ponto de não poder me compreender ou aceitar*", ou a falta de reconhecimento do pensamento na mente humana em relação à realidade mundana que a cerca.

Assim, de certa forma, tem-se uma das chaves para a compreensão da Era Moderna: a alienação! Segundo Arendt, essa afirmação se explica pela natureza "secular" da alienação, que não se confunde com mundanismo, nem com interesse enfático pelas coisas do mundo, nem com perda da fé. Para a autora, tal secularização está de alguma forma ligada à atitude dos cristãos antigos, demonstrada no Evangelho, por exemplo, com "dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus". Observa-se uma separação entre Igreja e Estado, ou entre Religião e Política.

2.2.2. Empreendedorismo e Inovação como exemplos da Ação Arendtiana na Vita Activa

Este trabalho parte do princípio de que o ato de empreender, em seu sentido mais amplo – isto é, o ato de tentar colocar em prática uma ideia de negócio para a qual não há garantia de sucesso comercial – pode ser categorizado com grande precisão na categoria denominada Ação Própria da

Modernidade, anteriormente explicitada por Arendt (2007), visto que, segundo a autora, é a categoria da atividade que nasce justamente da capacidade humana de inovar.

Para Hannah Arendt, a ação nasce exclusivamente dessa capacidade tipicamente humana de inovar, ou melhor, de utilizar a dimensão do espírito para criar, o que pode ser comparado ao nascimento. A existência humana é a própria condição para a existência da ação, onde essa existência se manifesta na pluralidade de indivíduos, cada um distinto dos outros, nenhum dos quais possuindo a mesma "essência" ou "natureza" que o outro (ARENDT, 2007).

Entende-se que a motivação empreendedora, o desejo de iniciar o próprio negócio ou empreendimento com os riscos inerentes, em oposição à simples adesão a uma empresa privada ou instituição pública como empregado, distingue-se precisamente por ser completamente afastada tanto do trabalho humano e de sua função de meramente atender às necessidades biológicas humanas, quanto do trabalho e de sua função de produzir um mundo artificial para os seres humanos. Por fim, vale ressaltar novamente que a proposição de Arendt para a Ação – que caracteriza a motivação para empreender na macro pesquisa da qual este projeto é parte – também se aproxima do conceito da Dimensão Espiritual de Scheler (2003), como aquela a partir da qual existe a possibilidade de mudança de atitudes, arrependimento, conversão ou aprendizado. De fato, a proposição de Arendt para a Ação também encontra bastante similaridade com a chamada dimensão Noológica, expressão da espiritualidade inata que, para Frankl (1991), distingue os humanos dos animais, como se poderá observar a seguir.

2.3. Max Scheler e a Dimensão Espiritual do Ser Humano

Embora a concepção de ser humano de Max Scheler, filósofo alemão do início do Século XX de grande importância para campos como a Antropologia Filosófica, a Sociologia da Ciência, e a Filosofia da Religião, tenha sido relativamente ‘apagada’ no cenário das Ciências Humanas na 2ª metade do século XX em parte devido à perseguição dos Nazistas, essa concepção traz como novidade ao pensamento não apenas uma nova antropologia – uma entre várias existentes – mas, sobretudo, uma ideia de homem considerada revolucionária.

Para Scheler, o Ser Humano trata da pessoa que transita pela existência materialmente constituída, com os pés firmemente plantados e ancorados na materialidade do mundo, mas que exhibe em si diversas dimensões, dispostas em níveis ou camadas, desde os níveis psíquicos da (a) sensibilidade afetiva, (b) sensibilidade instintiva, (c) memória associativa, (d) inteligência prática, todos compartilhados pelos humanos com os demais seres vivos, até o nível último e, segundo Scheler,

especificamente humano: (e) a dimensão espiritual, dentro da qual o ser humano pode, consciente do contexto, mudar de perspectiva, arrepender-se, aprender e propor, a dimensão da transcendência.

Para Scheler, o Espírito ou dimensão espiritual surge como a característica por excelência do Ser Humano, que o diferencia em relação aos demais animais, constituindo, assim, justamente a separação máxima do indivíduo em relação ao meio externo, superando as quatro dimensões anteriormente mencionadas (SCHELER, 2003).

O Espírito, ou Dimensão Espiritual, ou Dimensão da Transcendência, novo princípio que permite a separação do indivíduo do meio ambiente, está fora das relações e dos elementos que compõem a vida material cotidiana e suas demandas ordinárias. Espírito é objetividade ou a possibilidade de ser determinado pelo modo como as coisas são, e para o autor, o Ser Humano, por meio de seu Espírito, é o centro indeterminado de determinação a partir do qual existe a possibilidade de mudança de atitudes, arrependimento, conversão ou aprendizado (SCHELER, 2003).

Ou seja, para Scheler, o Ser Humano não está vinculado ao idealismo racionalista como ocorre, por exemplo, com Immanuel Kant (1724-1804), que pressupõe o Ser Humano dentro de uma ética do dever, relacionada ao imperativo (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2006).

E para Scheler, o ato de ideação é o ato especificamente espiritual pelo qual o Espírito se faz presente aos elementos do ambiente e os representa para si como essências, destacando-os do ambiente e elevando-os a objetos de seu mundo, como suas próprias ideias. É por meio do ato de ideação que a realidade das coisas pode até mesmo ser suspensa, sendo, portanto, o fundamento de toda atividade teórica, como a filosofia (SCHELER, 2003).

Interessante aqui é a proposição de Scheler a respeito do lugar do ser humano no Cosmos, quando afirma que o ser humano não pode ser uma definição, pois é precisamente o ato definidor, e uma definição é obra do ato definidor, que não pode ser obra de si mesmo: um ato não pode ser moldado por si mesmo (SCHELER, 2003).

Ou seja, apenas as características físicas do ser humano podem ser moldadas, por meio das quais ele direciona o olhar de seu Espírito em relação às funções psicofísicas do sentimento e enriquece seu espírito com intuições e valores. Por outro lado, o molde é o Espírito, que transforma a realidade existente e produz obras no mundo. A alma, nesse sentido, é o resultado do trabalho humano agregado como intuição ao espírito; é o conteúdo de valores que o espírito intui a partir das essências materiais de valor e, por outro lado, intui a partir dos atos concretos de "realização" de valores guiados pelo espírito, atos que são objeto da intuição moral (SCHELER, 2003).

Na base dessa indefinição, para Scheler, permanece uma divisão, uma seção essencial no Ser Humano, dentro da humanidade, maior do que a divisão entre Ser Humano e animal. É a divisão entre a dimensão transcendental dentro de cada ser vivo que busca a Deus, que deseja transcender, e a dimensão vital de sua existência; em outras palavras, é a distinção entre a essência da pessoa e a existência, razão pela qual todo ser humano é essencialmente indefinível. Muito mais ampla do que a distinção entre a essência da espécie humana e outras espécies do gênero animal é, portanto, a distinção entre a essência de uma pessoa humana e outras pessoas. Toda pessoa humana é, portanto, para o autor, absolutamente indefinível (SCHELER, 2003).

2.4. Viktor Frankl e o Sentido da Vida

Por sua vez, Viktor Frankl, o grande neuropsiquiatra austríaco, antigo discípulo de Sigmund Freud e considerado o fundador da terceira escola vienense de psicoterapia – Logoterapia e Análise Existencial –, após sobreviver a quatro campos de concentração nazistas devido à sua origem judaica, propôs em sua obra-prima *"Em Busca de Sentido: Um Psicólogo em um Campo de Concentração"* – escrita clandestinamente dentro do próprio campo de concentração utilizando folhas de papel que conseguiu obter secretamente – uma concepção de ser humano em que a busca por sentido na vida é a definição exata da própria natureza humana, ou seja, a motivação primária do ser humano reside na responsabilidade pela busca e realização do sentido de suas vidas (FRANKL, 2017).

Em oposição ao mestre Freud, para quem grande parte do sofrimento está relacionada à frustração sexual, para Frankl a neurose pode ser em muitos casos uma expressão específica da recusa da espiritualidade inata, sob o conceito da chamada Dimensão Noológica do ser humano (a dimensão que está relacionada à busca de um sentido superior para a existência), ou seja, o ser humano em muitos casos sofre do que Frankl considera o 'vazio existencial', a falta de 'plenitude de sentido', pois, segundo o autor, há um hiato ontológico entre o instinto e o espírito (FRANKL, 1995).

Na imagem do ser humano proposta por Frankl, diferentemente do conceito de ser humano de Scheler, a categorização das dimensões constituintes do ser humano não deve ocorrer em camadas ou níveis, visto que para Frankl não é possível separar as três dimensões que constituem seu modelo de ser humano: o Corpo, a Psique e o Espírito. Para Viktor Frankl, a síntese das três dimensões que ele propõe em seu modelo de ser humano é do tipo *"unitas multiplex"*, ou seja, uma concepção geométrica de três dimensões com diferenças qualitativas que não anulam a unidade de sua estrutura (FRANKL, 1978).

E no conceito de ser humano de Frankl, a Dimensão Noológica é justamente a Dimensão Espiritual, que para o autor compõe o homem: a Dimensão Espiritual é o lugar ontológico onde se situa a consciência moral do ser humano, o domínio ontológico da liberdade e da responsabilidade e, portanto, a dimensão da lucidez e da autoconsciência que pode confrontar todos os condicionamentos, e de onde provém a necessidade de buscar sentido para a própria existência (FRANKL, 1978).

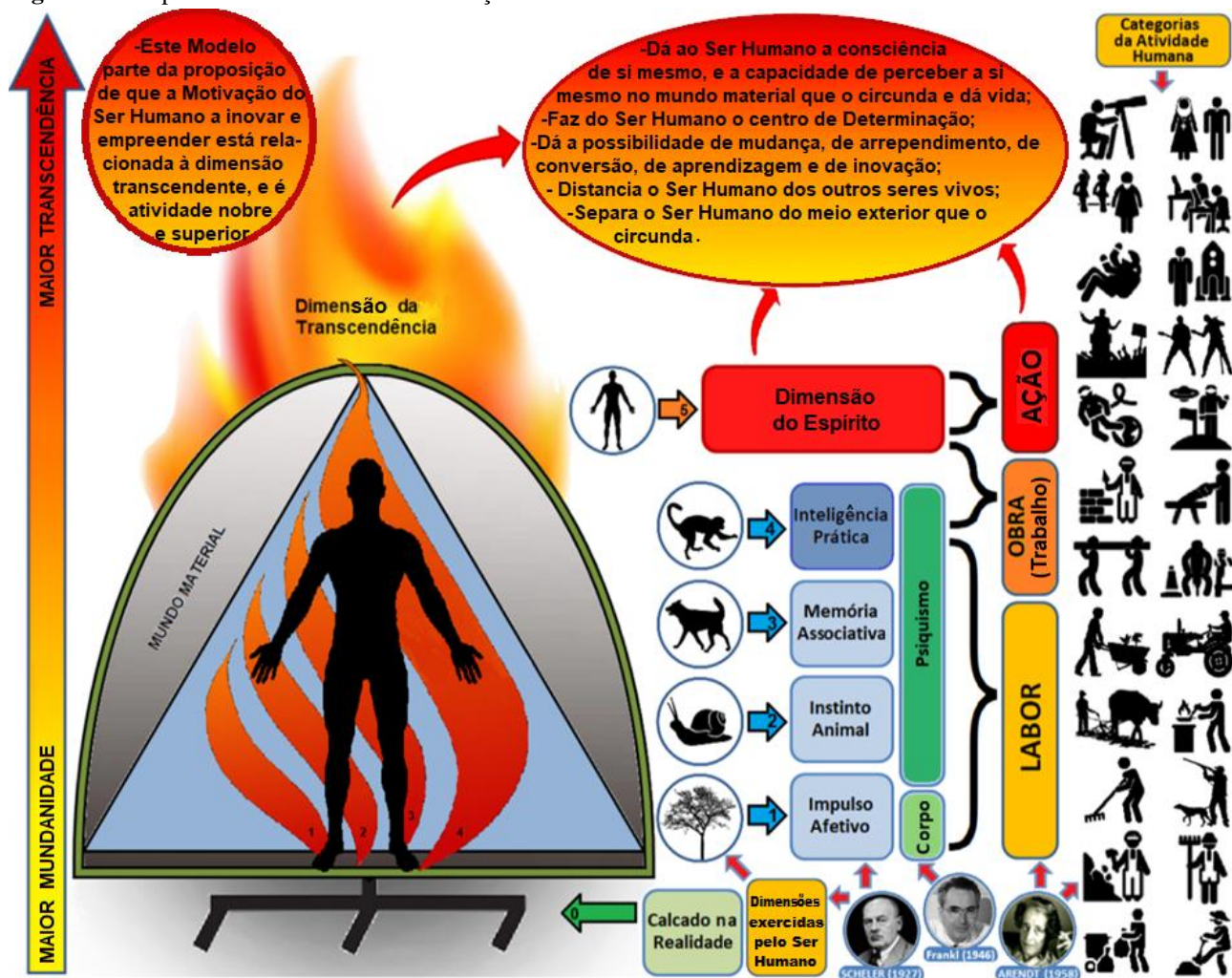
Finalmente, para Frankl, é a dimensão espiritual em última análise que dota o homem da capacidade de tornar inteligível a dinâmica de determinação e controle da qual participa, transformando tudo o que inicialmente parece automatismo em autonomia (FRANKL, 1978).

3. Modelo Antropológico do Ser Humano Empreendedor

Propõe-se nesta seção, previamente à apresentação do Modelo Antropológico do Empreendedor, prefaciá-la com a magistral observação de que, para Arendt, o que o telescópio de Galileu alcançou significa o mesmo que aquilo que leva os homens a novos conhecimentos sobre a concepção física do mundo, ou seja, é a entrada em cena do *homo faber* e sua atividade de fazer e fabricar um pequeno instrumento portátil, e não a contemplação, a observação ou a especulação dos filósofos, em outras palavras, o *homo faber* "derrota os filósofos" (ARENDT, 2007).

O diagrama apresentado na Figura 1 é uma simplificação de todo o modelo proposto.

Figura 1 – Empreendedorismo com manifestação da dimensão da transcendência.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023) com base em Zaak Saraiva (2019).

O diagrama simplificado de um Modelo de Ser Humano Empreendedor, mostrado na Figura 1, representa a sua capacidade de realizar diferentes categorias de atividade (ARENDT, 2007) e exercer diferentes dimensões vitais da existência (SCHELER, 2003; FRANKL, 1991), e foi proposto apresentando essas categorias desde as mais "mundanas" ou "corporais", relacionadas à sobrevivência biológica, até as categorias mais "espirituais", relacionadas à criatividade, à capacidade de aprender, inovar, confrontar e propor, e outras ações inerentes à transcendência.

O diagrama mostra a correspondência entre a dimensão do espírito, chamada de Dimensão da Transcendência por Scheler e de Dimensão Noológica por Frankl, e a categoria *Arendtiana* da Ação. Em todos os três casos, estas representam o ápice das características humanas, que separa os seres humanos dos animais, relacionadas a todos os aspectos mais nobres da capacidade humana de viver, sentir e fazer em sua existência e, claro, especificamente ao ato de empreender, ao decidir iniciar um negócio ou abrir uma empresa a partir de uma nova invenção ou produto.

Finalmente, julga-se pertinente repetir a afirmativa Arendtiana de que o *homo faber* "derrota os filósofos", e por todo jovem empreendedor da atualidade já inicia seus esforços de inovação e criação de novos produtos buscando, na engenharia e na tecnologia, uma forma superior de conhecimento, pois, ao contrário do conhecimento dos antigos, o conhecimento moderno permite mudar o mundo e as pessoas, o que é uma marca essencial da *Vita Activa*.

4. Considerações Finais

Este artigo, parte integrante de um macroprojeto de pesquisa voltado a compreender o fenômeno do Empreendedorismo de Base Universitária ou 'Empreendedorismo Universitário', teve como objetivo principal propor um modelo antropológico do Ser Humano empreendedor, explorando, dentre as principais fontes da Antropologia Filosófica, contribuições teóricas para subsidiar o estudo do empreendedor como Ser Humano dentro dos modelos e sistematizações desenvolvidos por autores como Max Scheler, Hannah Arendt e Viktor Frankl. Dentre as diversas correntes do pensamento antropológico do século XX, nota-se frequentemente a existência de sistemas de classificação ou categorização para as dimensões e as diferentes capacidades dos seres humanos.

Assim, a obra de Max Scheler é de fundamental importância no estudo da Antropologia Filosófica, pois, por meio de sua ontologia dimensional, ele estabelece seu conceito de Ser Humano como a pessoa 'que transita pela existência materialmente constituída, com os pés firmemente plantados e ancorados na materialidade do mundo', mas que possui em sua pessoa diversas dimensões, dispostas em níveis ou camadas, desde os níveis psíquicos de (a) sensibilidade afetiva, (b) sensibilidade instintiva, (c) memória associativa, (d) inteligência prática, todos compartilhados pelos humanos com outros seres vivos, até o nível último e, segundo Scheler, especificamente humano: (e) a dimensão espiritual, dentro da qual um ser humano pode, consciente do contexto, mudar sua perspectiva, arrepender-se, aprender e propor, a dimensão da transcendência. A dimensão espiritual ou Espírito é de maior interesse para esta tese, pois está relacionada precisamente à capacidade de transcendência e, para Scheler, é a característica quintessencial do ser humano, que o diferencia dos demais animais. Constitui, assim, justamente a separação máxima do indivíduo do meio externo, superando as quatro dimensões anteriores (SCHELER, 2003).

Em seguida, surge a ontologia dimensional de Viktor Frankl. Contrariamente à proposta de Scheler, a categorização das dimensões constituintes do ser humano não deve ocorrer em camadas ou níveis. Para Frankl, não é possível separar as três dimensões que constituem seu modelo de ser humano: o Corpo, a Psique e o Espírito. Para ele, a síntese das três dimensões proposta em seu modelo de ser

humano é do tipo 'unitas multiplex', ou seja, uma concepção geométrica de três dimensões com diferenças qualitativas que não anulam a unidade de sua estrutura (FRANKL, 1978).

Mais importante para esta pesquisa, no modelo de Frankl, é justamente a Dimensão Espiritual, ou Noológica, que compõe o homem integral: o lugar ontológico onde se situa a consciência moral do ser humano, o domínio ontológico da liberdade e da responsabilidade, e, portanto, a dimensão da lucidez e da autoconsciência que pode confrontar todos os condicionamentos, e da qual advém a necessidade de buscar sentido na própria existência (FRANKL, 1978).

E, por fim, destaca-se a proposta de Hannah Arendt de categorização da atividade humana, dentro de sua explicação sobre o surgimento dos tempos modernos – a mudança da chamada *Vita Contemplativa* da antiguidade para a *Vita Activa* da modernidade – na qual Arendt propõe que *Vita Activa* é a atividade humana que se cataloga sob uma tripla divisão: (1) labor, (2) obra e (3) ação, categorizando assim as três atividades conforme melhor correspondam, segundo seu entendimento, às condições básicas pelas quais o homem recebe e desfruta a vida no mundo.

E, nesse sentido, a atividade mais relevante para esta pesquisa é justamente a Ação, a última das categorias *Arendtianas* da atividade humana, entendida como ação propriamente política, a mais nobre das três categorias por ser a única que, independentemente da natureza e da produção, coloca as pessoas em contato umas com as outras de forma plural, sendo, portanto, superior a uma atividade "meramente social".

Finalmente, o artigo propõe um modelo antropológico do Ser Humano empreendedor, destacando especialmente sua capacidade inata de criatividade e inovação, especificamente relacionada a atividades como o empreendedorismo. Espera-se que esse modelo possa ser utilizado para estruturar análises mais complexas do fenômeno empreendedor e das influências pessoais e sociais sobre as intenções empreendedoras dos agentes de inovação e finalmente, portanto, em sua motivação para criar um novo produto, desenvolver um negócio ou abrir uma empresa.

Referências

ANTUNES, Ricardo. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? In: **Serviço Social & Sociedade**, n. 107, 2011.

<<https://doi.org/10.1590/S0101-66282011000300002>>.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho Intermitente e Uberização do Trabalho no Limiar da Indústria 4.0. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020. ISBN: 978-65-5717-012-0.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. 10 ed. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1958[2007]. ISBN: 978-85-218-0255-6.

ARENDT, Hannah. **O que fica é a língua materna**. Entrevista a Günther Gaus. 28 Out. 1964. Vídeo [1h12min18s]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PG8BYwv9IBQ>>. Acesso em 12 set. 2025.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Trad. Mariane Echalar. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016. ISSN 978-85-7559-484-1.

DAVIDSSON, Per. Determinants of entrepreneurial intentions. In: **Rent IX Workshop**, Nov. 1995. pp: 23-24.

FRANKL, Viktor. **Em Busca de Sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C Aveline. 42. ed. – São Leopoldo: Sinodal ; Petrópolis: Vozes, 1946[2017]. 184 p.

FRANKL, Viktor. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. Trad. Renato Bittencourt. Zahar Editores. 1978.

FRANKL, Viktor. **Logoterapia e Análise Existencial**: textos de cinco décadas. Trad. Jonas Pereira dos Santos. Editorial Psy II. 1995. ISBN: 85-85480-89-0.

GROSSO, Federico. Inovação não é Sinônimo de Tecnologia: Transformar é o que permitirá uma organização construir uma cultura da inovação e se manter competitiva. In: **Forbes Brasil**, 19 dez. 2022.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MUNROE, Tapan; WESTWIND, Mark. El Ecosistema de Innovación de Silicon Valley. In: **Silicon Valley: Ecología de la Innovación**. Euromedia. pp: 46-91. 2008.

SCHELER, Max. **A posição do homem no cosmos**. Trad. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1927[2003]. ISBN: 85-218-0335-4.

SCHUMPETER, Josep Alois. Economic Theory and Entrepreneurial History. In: AITKEN, H.G.J. (ed.) **Explorations in Enterprise**, Cambridge, MA and London, England: Harvard University Press, 1965, pp. 45-64. <<https://doi.org/10.4159/harvard.9780674594470.c5>>.

SCHUMPETER, Josep Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre capital, crédito, juro e ciclo econômico. Trad. Redvers Opie. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1911[1997]. ISBN: 85-351-0915-3.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Causa Mortis**: O Sucesso e o Fracasso das Empresas nos Primeiros 5 Anos de Vida. Jul. 2014. 50 pp.

ZAAK SARAIVA, Illyushin. **Determinantes Psicosociales de la Motivación Emprendedora:** En Estudiantes de Ingeniería en una Incubadora Tecnológica. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Universidad Kennedy, Buenos Aires, AR. 2023.

ZAAK SARAIVA, Illyushin. Motivación del Alumno como Manifestación de la Dimensión Espiritual del ser Humano: La Acción de Estudiar y la Vita Activa. In: **Unoesc & Ciência - ACBS**, v. 10, n. 2, pp: 155-162. ISSN: 2178-3411. <<https://doi.org/10.13140/RG.2.2.16107.16167/1>>.

Autor:

Illyushin Zaak Saraiva

Doutor em Psicologia Social pela U.K. (2023). Professor do Instituto Federal Catarinense, Campus Luzerna.

E-mail: illyushin.saraiva@ifc.edu.br;

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2461926498376384>;

OrcId: <https://orcid.org/0000-0001-8818-8084>.